

MOMENTO feminino

ANO III

RIO DE JANEIRO, 18 DE AGOSTO DE 1950

N.º 74

Cr\$ 1,00



E' para seus filhos, para as crianças do mundo inteiro, que as mães defendem a Paz e lutam por ela.

A suave pomba branca, símbolo universal da Paz entre os povos, repousa confiante nas mãos dessas inocentes crianças.

Reforcemos nossa união para garantir a nossos filhos um mundo de felicidade



SUMARIO

Salvemos a infancia da Coréia — pág. 3.

Terríveis efeitos da bomba atômica — págs. 4 e 5.

Modas, Cozinha, Beleza — página central.

Conto francês — pág. 9.

Nossos garotos — pág. 10

Cinema — página 12.



SITUAÇÃO DE MISÉRIA DAS FAMÍLIAS CAMPONESAS EM SÃO PAULO

Quando do nordeste saem as levadas de flagelados em busca de trabalho, São Paulo é uma espécie de Terra da Promissão.

Pergunte-se, porém, como vivem os colonos, nas terras onde frutificam as árvores de ouro do café, que dão aos seus donos riquezas fabulosas, através da política de guerra do Departamento de Estado americano, que conserva os altos preços, para manobrar meia dúzia de exploradores nativos, presos ao dinheiro da traição nacional.

Por exemplo, em Laticia, pelo tratamento de mil pés de cafezeiros e colheita dos mesmos, o dono paga Cr\$ 1.100,00. Uma família de sete pessoas, o casal e

sete filhos, pode tratar, no máximo, por ano, de 3.000 pés de cafezeiros. E, pois, uma receita de Cr\$ 3.300,00 a de que dispõe uma família para comer e vestir. Como?

Sobre as discussões levadas a efeito pela Federação de Mulheres de São Paulo, o dr. F. Pompeo-Sobrinho, fez uma bela crônica, publicada em jornal daquela Capital, sobre a justiça das soluções apresentadas pelas mulheres daquele Estado, a respeito dos problemas de carestia ligados à alimentação. Problemas que atingem os camponeses e as massas trabalhadoras, particularmente.

A POLÍTICA DE GUERRA TRAZ A CARESTIA O PROBLEMA DA CARNE

Agravam-se dia a dia as condições de miséria e fome do nosso povo em virtude da sempre crescente alta dos preços e escassez dos gêneros de primeira necessidade.

Se fizermos um retrocesso a dez anos atrás poderemos ver que todos os gêneros fundamentais à nossa alimentação dobraram de preço, notadamente a carne verde. Atualmente sofreu esse nosso elemento básico alimentar nova majoração de preço e ao par dessa alta surgiu a escassez a quase total falta de carne no mercado.

As portas dos açougues se alinham filas intermináveis de homens, mulheres e crianças, para comprar assém e peito, carnes de segunda categoria que para nada servem.

É quase um erro atribuir essa escassez à insuficiência de nossa produção e falta de transportes para o abastecimento das cidades. Aprofundando o assunto, vamos encontrar a causa de tudo isso, no monopólio da carne pelos trusts, estrangeiros nacionais, representados aqui pelas empresas Swift, Anglo, Armour, Wilson, que exploram e controlam toda a nossa economia pecuária, desde a produção até a exportação.

É claro, portanto, que a carne que devia abastecer nossas açougues vai toda canalizada para essas empresas que a distribuem notadamente para o exterior, visando grandes lucros, à custa da fome de nossas populações. É um crime contra o povo e a ser-

viço da guerra, como o provam telegramas de Chicago, que informam estar o Exército grego há mais de sete meses, sendo alimentado com a carne brasileira e argentina. A guerra contra os patriotas gregos, que lutam pela libertação de sua pátria está sendo assim ajudada com a carne dos nossos rebanhos, que deveria antes de tudo alimentar nossas crianças. No Rio Grande do Sul enlatam-se, no momento, toneladas e mais toneladas de carne como reservas de guerra. Enquanto se processam essas injustiças e traições, nosso povo passa fome e a tuberculose grassa imitavelmente, dizimando homens, mulheres e crianças sub-alimentadas.

É o mais revoltante em tudo isso, é que esses criminosos dos trusts, das grandes empresas, estão sob a guarda e proteção do atual governo, que dia após dia, esfomeia e oprime as grandes massas trabalhadoras que o elegeram.

Como se já não bastasse o seu descaço e indiferença aos problemas nacionais ainda tenta enganar o povo com medidas demagógicas, como a recente lei, que dispõe sobre a construção de estabelecimentos industriais de carne nas principais zonas de criação. Que pode significar essa lei, se todo o comércio e industrialização da carne está nas mãos de Swift, Armour, Anglo e Wilson? Antes dessas medidas, complicitas ao governo ligadas com o truste, que suga o esfomeio a nossa gente.

PEQUENOS ANÚNCIOS

MODAS — L. CLAUSEN — Confecção, meia-confecção, lingerie, chapéus. Av. Copacabana, 1058 - ap. 603.
ATELIER DE COSTURA — «VITÓRIA RÉGIA» — Sob a direção de Laurita. Preços módicos. Av. 13 de Maio, 23-3.º andar, sala 314. (Edifício Darke de Matos).

Doenças Nervosas e Mentais

Psicoterapia e Análise

DR. FRANCISCO DE SÁ PIRES

Professor de Clínica Psiquiátrica

RUA SANTA LUZIA, 732, SALA 718, 7.º ANDAR

Diariamente

O MOMENTO

AS LEITORAS ESCRIVEM

São Paulo e o excesso de americanismo

Marina MATTOS

(Associação Feminina Cruzeiro do Sul)

nais. Este, admirado, perguntou:

— Música nacional? — como se não soubessem qual seria a música nacional...

Nós explicamos: «Sambas». Logo depois, por incrível que pareça, foram lançados ao ar os acordes de um samba em tempo de fox!

Este é o ambiente que se respira em São Paulo, onde os cinemas anunciam seus programas em cartazes enormes, com todas as inscrições em inglês, os quais, muitas vezes, não trazem tradução e, se esta aparece, é em letras tão pequeninas que a gente custa a descobrir; os jornais publicam, diariamente, anúncios como estes:

PRIVATE SECRETARY
for President of American Company required. Ability to take English shorthand quickly and to type neatly essential. Would

prefer Brazilian lady willing to work, with experience and background, capable of performing administrative tasks, too. Five days week. Salary Cr\$ 5.000. Write full details to ... care this paper.

(«O Estado de São Paulo» — de 14.7.50.)

FOR RENT

Apartament containing large living room, with fireplace, two bedrooms, bathroom, terrace and kitchenette with gas stove hot water. Use of large garden and garage. Also maid's room. See any time at Rua ... Rent Cr\$ 2.000,00 per month.

(«O Estado de São Paulo» — de 9.7.50.)

Esta última publicação se achava na seção «Salas e Quartos», onde outros quatro anúncios do mesmo tipo podiam ser vistos.

Os locutores se esforçam para pronunciar os nomes das músicas americanas, que vão ser tocadas, com a mais genuína pronúncia inglesa e notável é, neste caso, a pronúncia de um certo reporter, «testemunha ocular da história» que fez anúncios patrocinados por uma grande companhia imperialista que, juntamente com a esmerada pronúncia das palavras inglesas, diz «problemas», «maior», «Carálbas» etc.

Assim caminha a passos largos, a propaganda imperialista americana nesta cidade em que a «Seleção» do Reader's Digest desaparece da banca, como por encanto, tal é o número de pessoas que acredita ainda que o «paraíso norte-americano» é mesmo um paraíso...

Tudo isto é realidade palpável em São Paulo, de forma que não chega a admirar o homem que nos indigne, o que aquela senhora que ao lhe oferecermos o «Apelo de Estocolmo» para assinar nos disse, depois de recusar sua assinatura por uma série de razões, erradas, que precisamos começar a aprender o inglês porque logo os norte-americanos dominarão completamente o Brasil, ao que tivemos o prazer de retrucar: «Nós brasileiros, não temos sangue de escravos e sabemos expulsar os dominadores americanos e fazer de nossa terra um país independente, inteiramente livre de fogo imperialista que já está se tornando fixante».

(Nota da Redação: É a segunda a tradução dos anúncios em inglês constante da colaboração acima: «Secretário Particular» — Precisa-se para o Presidente de uma companhia americana, com aptidão para taquigrafia e dactilografia, que seja rápida e eficiente. Prefere-se moça brasileira disposta a trabalhar com notável, capaz de executar trabalhos administrativos também. Trabalho cinco dias por semana. Salário de Cr\$ 5.000,00.

Escrever com todos os detalhes para ... aos cuidados deste jornal.

«Aluga-se — Apartament contendo uma grande sala com lareira, dois dormitórios, banheiro, terraço e cozinha com fogão a gás, água quente. Grande jardim e garagem. Também tem quarto de empregada. Ver a qualquer hora na Rua ... Aluguel Cr\$ 2.000,00 por mês»).

VIOLENCIAS POLICIAIS EM S. PAULO

Da capital de São Paulo chegaram-nos notícias de violências policiais cometidas contra homens e mulheres, inclusive menores, e que vem mostrando mais uma vez o clima de insegurança em que vivemos.

No dia 15 de julho passado, quando regressavam de um comando para o recolhimento de assinaturas de apoio ao Apelo de Estocolmo, contra a bomba atômica, duas jovens foram abordadas por um militar e um civil que as convidaram a acompanhá-las à delegacia para declarações.

VIOLENCIAS CONTRA UMA MENOR

Na delegacia já encontraram um rapaz e uma mocinha que, lacrimosa, pediu para ser posta em liberdade por ser menor. Muito nervosa, tentou a jovem fugir, tendo porém seus passos embargados por um policial fardado que a esbofetou violentamente nas faces. Outro policial, momento, depois, rasgou a blusa da mocinha.

MAIS PRISÕES ARBITRÁRIAS

Em breve, chegaram à mesma delegacia duas senhoras que haviam sido detidas na fila de pão. Já eram ao todo seis as presas, das quais, cinco mulheres, que ali permaneceram longo tempo, guardados por um policial. Mais tarde, foi introduzido na sala um rapaz desfigurado pela dor e aos gritos, amparado por várias pessoas. Estava com a nuca encostada no muro e com uma perna ferida à bala.

Os detidos, mal refeitos da dolorosa impressão que lhes causara o ferido, viram, dentro de poucos minutos, entrar na delegacia mais três homens e uma mulher, também detidos arbitrariamente.

VÁRIOS DIAS DE PRISÃO POR LUTAREM PELA PAZ

Transportados posteriormente

para a DOPS, foram os presos — seis mulheres e quatro homens — submetidos a interrogatório. Altivamente, todos responderam que estavam colhendo assinaturas contra o emprêgo da bomba atômica, o que não é crime nenhum.

Recolhidos ao cárcere, ali permaneceram incommunicáveis até terça-feira, dia 19, ao meio dia; a menor também ficou detida até segunda-feira, dia 17. Ao ser-lhes apresentada a ficha preenchida na polícia onde havia a seguinte declaração: «Agitação comunista. Conflito» recusaram-se a assinar, pois não havia nada disso.

AS MULHERES PAULISTAS PROTESTAM CONTRA AS VIOLENCIAS

Uma grande comissão de mulheres procurou a Assembleia Estadual para protestar contra tais atos de violências, absolutamente inaceitáveis num país que se diz democrático.

De fato, nada justificava as arbitrariedades policiais praticadas contra cidadãos e cidadãs brasileiras que não desejam ver a sua Pátria atingida pela terrível bomba atômica. Quem cometeu a falta? Aqueles homens e mulheres que explicavam pacificamente ao povo a necessidade de exigir dos provocadores de guerra a proibição da bomba atômica? Evidentemente, não. Violentos, desumanos e desordeiros foram os policiais, exorbitando de suas funções.

Eis porque **MOMENTO FEMININO** se solidariza com os valerosos patriotas, especialmente as bravas mulheres paulistas que souberam enfrentar corajosamente os policiais, porque tinham plena consciência de que estavam colaborando para que haja paz e progresso em nossa Pátria.

LUIZ WERNECK DE CASTRO

Advogado

RUA DO CARMO, 49, 2.º ANDAR, SALA 2
Diariamente das 12 às 13 e das 16 às 18 horas
Fone 23-1064
EXCETO AOS SABADOS.

PACINI

AS MULHERES DA CORÉIA

A Federação Democrática Internacional de Mulheres roga-lhes transmitir às mulheres da Coréia a expressão de sua profunda solidariedade em sua luta pela defesa da República Popular e o restabelecimento da unidade de sua pátria. Elevamos nosso protesto indignado contra a criminosa intervenção militar do imperialismo norte-americano contra os legítimos direitos do povo coreano. Desejamos uma rápida vitória libertadora pela felicidade do povo coreano e como contribuição à instauração de uma paz duradoura no mundo.

ENGIE COTTON
(Telegrama enviado em 30 de junho à União Democrática de Mulheres da Coréia, filiada à F.D.I.M.)

'MOMENTO FEMININO'

Directora-Gerente:
ARCELINA MOCHEL
Redação e
Administração
AV. RIO BRANCO, 257
— sala 715
Número avulso
Cr\$ 1.00

Salvemos a infância da Coréia

Araceli MOCHEL

Quando festejamos a Jornada Internacional da Infância, iniciávamos uma campanha nova de salvaguarda dos direitos das crianças. Hoje é fácil compreender-se melhor o significado do 1.º de junho de 1950, quando em todas as pátrias a infância era o motivo central das preocupações e do zelo das organizações femininas. Tudo girava em torno da vida das crianças, dessas inocentes criaturas indefesas por si mesmas. Garantir o direito à vida, eis o lema da Jornada Internacional da Infância.

Voltam-se nesta hora todas as mães e todos os povos para as crianças sacrificadas na Coréia. Aviação de ataque norte-americanos despejam toneladas de bombas nas cidades coreanas, numa fúria brutal de arrastamento superior à devastação da última guerra. Debaixo dos bombardeios caem milhares e milhares de crianças, sem tempo para se salvarem, sem meios para se defenderem. São aquelas as mesmas crianças felizes, que cantavam hinos e cobriam as avenidas de flores, no seu dia de vida, no seu 1.º de junho. Foram reduzidas ao nada pelo ódio do agressor americano, que agora já não se conforma com bombardeios parciais, visando liquidar de uma vez com a Coréia e exterminar as gerações futuras. Sabemos que parlamentares norte-americanos e ingleses têm reclamado a bomba atômica sobre essa península asiática. E essa ameaça cresce com o desespero crescente do imperialismo americano, pelas derrotas sofridas com a defesa heroica do povo coreano.

Cumpramos o dever de defender a infância da Coréia, numa demonstração de solidariedade internacional entre os povos. Não há de ser um dever platônico, mas convertido em ações imediatas: protestos vários contra a agressão a um povo livre; contra a atitude de nosso governo que pretende enviar secretamente nossa tropa para lutar ao lado dos americanos; contra a parcialidade da ONU, que não quer decidir pela retirada das tropas americanas agressoras; e contra, principalmente, o emprego da bomba atômica sobre a Coréia.

Chegamos ao momento de nossa decisão honrosa, para fazer barrar imediatamente a pretensão do imperialismo yanque sobre a Coréia e garantirmos a felicidade da infância sobrevivente dessa pátria. Nenhuma criança brasileira permitirá que seu pai ou irmão vá assassinar as crianças coreanas. Mais do que nunca se impõe um trabalho intenso de assinaturas contra a arma atômica. Assim estaremos salvando a infância da Coréia.

EM DEFESA DE NOSSOS FILHOS

Ana MONTENEGRO

Quando os Estados Unidos ultimavam os preparativos para invadir a Coréia do Norte, o embaixador Nabuco pronunciou um discurso em Chicago fazendo profissão de fé guerreira, ao mesmo tempo em que oferecia, àquela nação, o sangue e a vida da juventude brasileira. Era o próprio coração das mães que o governo oferecia, na bandeja da traição, aos fabricantes de armas, contra a Constituição que condena as guerras de agressão, contra a tradição pacifista do povo brasileiro, contra os interesses nacionais, contra o dever patriótico e os sentimentos de humanidade.

Pouco depois era invadida a Coréia do Norte. O discurso do embaixador não era apenas um discurso. Os imperialistas não desejam, somente, o fornecimento de matérias primas, estrangulando a economia nacional. Não desejam, somente, o petróleo, as areias monásticas, os cristais e outros tantos produtos. Desejam material humano. Desejam que nossos filhos, que embalamos no útero e no peito, que apesar de crescidos são, sempre, para nossos corações, as crianças de anos atrás, sirvam a seus planos sinistros, levando aos lares de outras mulheres, de outras mães que

como nós, lutam pelo direito à vida, de trabalhar, de construir, pela libertação de sua terra, a destruição e a morte, em troca de mais dólares para os fabricantes de armas.

Começaram, aqui, depois desses acontecimentos, as providências dos empregados do imperialismo. Notícias relatadas na imprensa. Reuniões secretas do Conselho de Segurança. Convocações secretas de ex-pracinhas. A revivência do projeto de Lei de Segurança, que é uma lei de guerra. As licenças no Exército foram suspensas. Centenas de jovens vieram do sul em navio chegado secretamente, sob o pretexto de incorporação à Polícia Militar do Distrito Federal. Em São Paulo o movimento de convocação tomou grandes proporções. 20.000 é o número de jovens pretendidos para a guerra. 20.000 vidas. As vidas de nossos filhos negociadas como se eles fossem animais. Os nossos filhos que precisam de pão, que precisam de liberdade, que precisam construir, que precisam defender a Pátria da traição, da fome, dos norte-americanos que ocupam uma terra de onde os patriotas expulsaram os invasores, desde São Luiz do Maranhão até a Baía de Guanabara.

Diante do repúdio à ideia sinistra de enviar 20.000 vidas para maiores lucros dos fabricantes de armas, têm aparecido os desmentidos. Mas, agora, já não é possível desmentir. Telegramas dos Estados Unidos informam que o governo brasileiro está em contacto com o Comando Unificado da ONU, isto é, com o Estado Maior do exército agressor yanque, para o envio de tropas brasileiras à Coréia. Anunciam uma brigada latino-americana.

Seu filho, para quem você desejou uma vida livre, seu filho a quem você defendeu durante todos esses anos, seu filho para quem você desejou outros filhos, uma continuação de seu amor, não pode e nem deve incorporar-se às fileiras de uma tropa mercenária, marchando para o crime, para a morte, porque você cumprirá seu dever de mãe, seu dever de defendê-lo. O amor pela vida e o futuro de seu filho, a solidariedade às mães coreanas que lutam como nós pela libertação nacional, devem ser as armas nesse combate contra os traidores e os bandidos imperialistas.

Sobre a cabeça dos mercadores de vidas caia o ódio das mães. Caia sem piedade, destruindo o



Vê-se em cima uma passeata das mulheres alemãs, de protesto contra a guerra e em baixo, uma concentração de mulheres inglesas contra o envio de seus filhos para a guerra.

mercado, destruindo os vendedores e os compradores, antes que qualquer jovem saia de seu lar para destruir outros lares. As mulheres, as mães, devem levantar-se como uma barreira nas ruas, barreira de ódio aos trai-

dores e criminosos, barreira de amor aos filhos para defendê-los da morte em nome da vida, em nome da paz, em nome da independência que precisa ser conquistada sejam quais forem os sacrifícios.



Uma mulher completamente desfigurada pelos efeitos da bomba atômica

OS TERRÍVEIS EFEITOS DA BOMBA ATÔMICA

UMA ENTREVISTA COM O PREFEITO DE HIROSHIMA — ATÉ OS GLÓBULOS SANGÜÍNEOS DIMINUÍRAM 50%

Em dias do mês passado o prefeito de Hiroshima, no Japão, quase inteiramente destruída durante a última guerra por uma bomba atômica norte-americana, visitou Paris. Nessa ocasião, o sr. Shinzo Hamai disse algumas palavras aos repórteres, as quais reproduzimos:

"Eram 8,13 horas quando se ouviu um longínquo ruído produzido pelo voo de um avião, que passava a tal altura que mais

parecia estar imóvel sobre Hiroshima. Naquela manhã de 6 de agosto de 1945, o céu estava lindo e claro. As 18,15, uma claridade estranhamente forte era vista por todos os habitantes da cidade. O clarão assemelhava-se a um pedaço de sol que tivesse se despregado das alturas. Em seguida, soprava um vento de fogo a 300 quilômetros a hora. Depois, o silêncio.

Um silêncio terrivelmente medonho". Disse mais o sr. Shinzo Hamai que "os danos foram os mais terríveis e desoladores que se possa imaginar". "Até o sangue dos sobreviventes da cidade teve reduzidos em 50% seus glóbulos brancos, em consequência da irradiação atômica".

O FILME QUE NÃO FOI VISTO — O ASPECTO CONFRANGEDOR DO POVO

O sr. Hamai não quis passar para os jornalistas franceses o filme que mostra como ficou a cidade de Hiroshima logo após o impacto da bomba atô-

mica, dizendo que era "demiado horrível para ser mostrado ao público".

Finalizando a entrevista, acrescentou que "era confrangedor o aspecto psicológico apresentado pelos habitantes da cidade, cujo semblante triste e abatido revelava a dor e a desolação causadas pela destruição da localidade e a morte de mais de 200.000 seres humanos".

NAO FORAM REALIZADOS OS "FESTIVAIS DA PAZ"

No espaço azul dos céus de Hiroshima este ano, não voaram as pombas da paz, no quinto aniversário da terrível catástrofe. Naquela cidade seus habitantes costumavam realizar os "FESTIVAIS DA PAZ", soltando milhares de pombas, simbolizando as esperanças no fim de todas as guerras. Mas, aqueles que pretendem repetir o feito proibiram a realização. MACARTHUR, general americano que comanda a invasão da Coreia e que desempenha o papel de vice-rei na colônia do Japão, proibiu aquelas demonstrações públicas. Mas o povo de Hiroshima não esqueceu, nem esquecerá, o dia 8 de agosto de 1945, quando os norte-americanos despejaram sobre suas cabeças a morte, a destruição e o horror. Ele assinou o Apêlo de Estocolmo. Os povos no mundo inteiro estão assinando o Apêlo de Estocolmo.

Não pode haver esquecimento diante de novo perigo. Não pode haver esquecimento diante dos doentes que ainda se encontram nos hospitais. Depois de cinco anos, diz um jornalista americano, Murray Moeller, as cicatrizes ainda estão vivas e os corpos ainda envenenados de rádio-atividade. Um dos doentes que teve seu

pai e sua mãe mortos, embora tenha levado 15 pontos cirúrgicos ainda está acanado e coberto de ferimentos. Cada assinatura de apêlo ao Apêlo de Estocolmo é uma pomba da paz no espaço azul dos céus de Hiroshima.

A ENERGIA ATÔMICA PARA FINS PACÍFICOS

FLÔRES QUE CURAM DOENÇAS

É um jardim diferente. Inteligentemente coberto por paredes de vidros. Não há terra. O solo é composto de pedregulho cintilante. Sobre esse pedregulho cresce uma vegetação luxuriante. Flores de cores e formas maravilhosas e diferentes. Cultivam-se, também, legumes e frutas magníficas. As plantas são alimentadas por átomos radioativos, através de uma bomba de ar. É o jardim atômico. Da cultura dessas plantas, pode ser obtida toda uma série de produtos de grande valor na medicina, para cura de moléstias: o ácido córico, para o tratamento da febre reumática, o ácido nicotínico, que contém vitaminas essenciais à vida humana, a dirltoxina que é usada para regular as funções cardíacas. Todos esses produtos tão preciosos, não é possível adquirir sinteticamente.

Transformemos a energia atômica em flores que curam doenças.

Participação das crianças na luta pela interdição das armas atômicas

Para cada mulher a vida de seu filho tem uma significação maior, uma significação especial e diferente da vida em geral. E as crianças sentem, através das lutas em sua defesa, o reflexo desse sentimento. Desejam que suas mães sejam felizes com a segurança de suas vidas. Eles sabem o que é uma bomba atômica. Sabem o que sofreriam suas mães se uma bomba fosse lançada na cidade em que moram. Por isso, têm apoiado o Apêlo de Estocolmo, trabalhando, ativamente, na coleta de assinaturas.

NO DISTRITO FEDERAL

Os jovens passam os domingos inteiros em grupos percorrendo os bairros. São os "Domingos da Paz". Formam-se grupos nos colégios. Os meninos das escolas primárias levam listas para suas casas, para seus bairros e voltam com centenas de assinaturas.

No bairro de Realengo há um grupo de meninas "Comissão Monteiro Lobato" que, organizadamente, coleta assinaturas, percorrendo as casas, as escolas, os lugares públicos.

NA BAHIA

Na estrada da Liberdade, em Salvador, um grupo de

5 crianças colheu várias centenas de assinaturas e levou esclarecimentos a vários outros.

EM S. PAULO

Em Lins, as meninas Alayde Ribeiro, Maria Costa Boisa e Luzia Costa Boisa fizeram um comando de

casas em casa e no prazo de 1 hora colheram 170 assinaturas.

EM PERNAMBUCO

A menina Manuela da Costa Mendes (Nelinha) de 11 anos, recolheu 40 assinaturas no dia do seu aniversário.

CADA ASSINATURA SALVA UMA VIDA

- 1 — Exigimos a proibição da arma atômica como arma execrável e de extermínio em massa de populações.
- 2 — Exigimos o estabelecimento de um controle internacional para assegurar a aplicação desta medida de proibição.
- 3 — Consideramos que o governo que primeiro utilizar contra qualquer outro país a arma atômica, cometerá um crime contra a humanidade e será tratado como criminoso de guerra.

Ass.

Peça às suas amigas para assinarem também!
Reproduza este apêlo!

De uma em uma se faz UM MILHÃO!

CRESCCE O PERIGO

Telegramas dos Estados Unidos revelam que a produção de explosivos para a bomba atômica está sendo acelerada num ritmo sem precedentes. Conforme relatório apresentado pela Campanha de Energia Atômica daquele país, está sendo estudada a viabilidade de guerra radiológica — poeiras radioativas invisíveis e não explosivas, capazes de fulminar cidades inteiras. A morte está sendo produzida em alta escala nos Estados Unidos.

A vítima dessa produção pode ser você, pode ser seu filho, sua família, sua cidade. Nenhum país pode ser colocado fora do perigo. O Brasil, por exemplo, está enviando armas monásticas para que os Estados Unidos produzam a morte. Coloque-se, assim, ao lado dos fautores de guerra. Mas, o povo pode e deve colocar-se ao lado da paz, ao lado da solidariedade humana, ao lado dos que constroem a vida, dos que trabalham a terra, dos que mandam as crianças para a escola ao lado dos que protegem os lares, ao lado dos homens de boa vontade.

É isso que você, leitora amiga, deve fazer. Torne-se agora mesmo, uma defensora ativa da paz, colhendo dezenas de assinaturas contra a bomba atômica.

CAMPANHA PELA INTERDIÇÃO DA BOMBA ATÔMICA

Aproxima-se o dia 30 de setembro, data em que termina o prazo para a coleta de assinaturas, com a cobertura da cota de quatro milhões, em todo o território nacional. Cada assinatura é um pronunciamento pela sobrevivência da humanidade. Participando dessa campanha estão as organizações populares, juvenis e femininas, homens, mulheres e crianças em cujos corações pulsa o amor pela vida.

A CONTRIBUIÇÃO DE NOSSO JORNAL

«Momento Feminino», desde a publicação do Apelo de Estocolmo, além do apoio dado através de ampla publicidade sobre os efeitos da bomba atômica e a divulgação do desenvolvimento da campanha, está participando ativamente da coleta de assinaturas através das amigas que trabalham na redação e administração e de suas correspondentes

em inúmeras cidades. Já entregou, ao Movimento Nacional pela Interdição da Bomba Atômica, mais de mil assinaturas, e continua a trabalhar, com a ajuda e a compreensão de suas colaboradoras, até ultrapassar a cota de cinco mil assinaturas. Primeira foi a Age, no Rio Grande do Sul, que atendeu ao apelo do jornal. Muitos outros correspondentes e amigos têm enviado listas. Agora, a Age, de Guararapes, em São Paulo, se coloca na liderança com 1.353 assinaturas. Esperamos que o exemplo de Guararapes sirva de estímulo e que muitas outras listas cheguem rapidamente à nossa redação, e «Momento Feminino», que se tem colocado à frente da luta em defesa da Paz, possa apresentar resultados concretos dessa luta, conseguindo CINCO MIL ASSINATURAS, até 30 de setembro próximo.

NO CEARÁ

EMULAÇÃO ENTRE GRUPOS DE COLETADORAS — COM A CAMPANHA DE ASSINATURAS SE DESENVOLVE O TRABALHO FEMININO — COMANDOS E PALESTRAS NOS BAIRROS

As mulheres do Ceará estão trabalhando, ativamente, na obtenção de assinaturas pela interdição da bomba atômica. Em uma semana conseguiram 2.625 assinaturas, fazendo comandos e palestras em todos os bairros e visitando casa por casa.

Com a campanha pela coleta de assinaturas tem crescido o número de associadas das Uniãos Femininas e surgem novas organizações. A União Feminina do Brasil que possuía 112 sócias, está com 139; a do Quilômetro 8 passou de 17 para 27, e a do também, a União Feminina de Vila Monteir, com 15 associadas.

Na União Feminina de Maracá, as associadas organizaram 2 grupos de coletadoras, estabelecendo, assim, emulação dentro de uma mesma organização.

As conferências feitas nos bairros sobre os efeitos da bomba atômica e a campanha de apoio ao Apelo de Estocolmo comparecem, em média, 200 pessoas.

EM PERNAMBUCO

SISTEMA DE CONTROLE DE ASSINATURAS

A Associação de Mulheres de Pernambuco passou a remeter sistematicamente as assinaturas à Federação de Mulheres do Brasil, todas as semanas. Rebolhem e conferem aos sábados e remetem às segundas-feiras. É um trabalho muito simples, mas de grande valor servindo de experiência para quem ainda não tem método de controlar.

NO PIAUÍ

ASSINATURAS DE PERSONALIDADES

Nossas amigas do Piauí têm se preocupado mais com as assinaturas de personalidades. É

necessário, pois, para obtenção de maior quantidade de assinaturas, modificar os métodos de trabalho. A campanha precisa da participação e só a vontade do povo, expressa em assinaturas, vai evitar que os criminosos cumpram seus planos sinistros de matar mulheres e crianças, lançando bombas atômicas. É preciso, não desprezando as assinaturas de qual-

idade, obtê-las, também, do povo em geral, fazendo comandos de casa em casa.

Dentre as pessoas de destaque, naquele Estado, que assinaram o Apelo de Estocolmo, constam o Dr. José da Rocha Furtado, governador do Estado e o Dr. Leonidas de Castro Melo, presidente do Diretório do P.S.D. e político de grande influência local.

EM SANTA CATARINA AS MÃES TOMAM A LIDERANÇA DA CAMPANHA

A campanha de assinaturas contra a bomba atômica começou a tomar grande impulso. As mães catarinenses estão tomando a liderança dos trabalhos. Há dias, uma senhora que deu à luz uma garotinha, aproveitou as visitas recebidas para solicitar-lhes a assinatura

NOSSA CAMPANHA!

1.º lugar — Ana de Lima — Guararapes — S. Paulo — 276 ass.
2.º lugar — Maria Ribeiro — D. Federal — 187 ass.
3.º lugar — Rita Malheiros — Florianópolis — Sta. Catarina — 179 ass.

O total de assinaturas de MOMENTO FEMININO até 14 do corrente é de 1.353.



têm dado o mais significativo apoio ao Apelo de Estocolmo.

As mulheres fluminenses têm trabalhado ativamente. Há uma coletadora que recolhe assinaturas, desde o amanhecer até findar o dia. Os afazeres domésticos são feitos pela noite adentro, num espírito de compreensão que nenhum sacrifício deve ser poupado em defesa da humanidade em perigo. Essa coletadora, acompanhando uma procissão religiosa, adquiriu no percurso 400 assinaturas.

EM SÃO PAULO

COMÍCIO PELA INTERDIÇÃO DAS ARMAS ATÔMICAS — TODOS OS MORADORES DE UMA RUA ASSINAM O APELO DE ESTOCOLMO — EMULAÇÃO FRATERNAL

No bairro de Lagoinha, um soldado do Exército deu seu inteiro apoio à campanha e acompanhou os componentes do comando, durante todo o tempo em que colhiam assinaturas, numa demonstração de que nossa juventude não servirá aos desígnios sinistros do imperialismo.

No comício realizado em Belo Horizonte, mulheres que ficaram esclarecidas sobre a necessidade de proibir a bomba atômica levaram listas voltadas para as mesmas comunidades, e ainda com folhas de papel anexadas.

No dia 6 do corrente, um comando de mulheres conseguiu que todos os moradores de uma rua do bairro Ipiranga assinassem o Apelo de Estocolmo. A rua ficou consagrada e ostentará uma faixa por esse acontecimento.

A Organização Feminina de Uberlândia disputa o prêmio de superação da cota de assinaturas com a Associação de Mulheres de Belo Horizonte.

A srta. Anita Silva, 1.ª Secretária da Associação Feminina de Belo Horizonte, assim se expressa a respeito da campanha: «Todos os comandos têm corroborado a receptividade das mulheres e do povo em geral à campanha, assim como, agora, o protesto das mulheres contra o envio de nossos jovens para a Coreia. Sentem que as assinaturas contra a bomba atômica são, também, uma forma de evitar a ida de nossos jovens para a Coreia, pois a luta do povo coreano é justa, é uma luta pela sua libertação».

em apoio ao Apelo de Estocolmo. Ninguém recusou.

NO ESTADO DO RIO UMA MÉDIA DE 3.250 ASSINATURAS POR DIA — NÃO HÁ UM MINUTO A PERDER

250.000 assinaturas é o que pretende conseguir, até 31 do corrente, a Sociedade pela Interdição da Bomba Atômica naquele Estado. A campanha vai sempre crescendo, e alcançando maior apoio popular. Assim é que, ultimamente, vêm sendo recolhidas 3.250 assinaturas diárias. Ferrovieros e camponeses

CAMPANHA DE ASSINATURAS

SOBRE O GRÁFICO DA F. M. B. ATE O DIA 11 DE AGOSTO DE 1950

Distrito Federal	42.000
S. Paulo	27.782
Estado do Rio	22.246
Bahia	15.200
Minas	13.326
Ceará	10.455
Pernambuco	2.703
Sergipe	1.619
Paraná	1.062
Pará	1.010
Alagoas	176
Goiás	110
Piauí	98

Total 127.787

Convenções femininas contra a bomba atômica

Durante o mês de agosto, realizar-se-ão as Convenções Femininas contra a bomba atômica nos principais Estados, e assembleias amplas nos demais.

Essas convenções têm por finalidade intensificar a campanha de assinaturas e as delegadas receberão esse título, de acordo com maior soma de trabalho desenvolvido e assinaturas conseguidas. Assim, verifica-se logo, que as convenções femininas visam maior número de assinaturas estabelecido o seguinte critério pela Federação de Mulheres do Brasil:

- 1.º — delegadas — serão todas as mulheres que individualmente conseguirem 500 assinaturas;
- 2.º — delegadas por organização de bairro ou município — 1 por 1.000 assinaturas;
- 3.º — delegadas de honra — aquelas que tiverem individualmente conseguido 2.000 assinaturas.

As pessoas que tiverem cumprido esses requisitos, podem apresentar-se espontaneamente, independente de qualquer chamado, às sedes das organizações femininas locais.

A convenção do D. Federal instalar-se-á no próximo dia 24, às 15 horas, no Instituto de Arquitetos.



VIRGINIA

ALMOÇO

Hoje vamos preparar um almoço completo. Podemos até receber visitas. Todo almoço deve ter uma entrada, depois seguirão os outros pratos mais fortes.

É comum se fazer como entrada uma salada mayonaise ou mesmo pratos bem extravagantes. Nós vamos fazer uma bonita salada.

1) — SALADA DE ABACATÍ

Tome um pé de alface, limpe-o muito bem, depois tire as folhas maiores e coloque-as em volta de uma travessa. Corte um abacate que não esteja completamente maduro e vá botando as fatias sobre as folhas de alface, intercalando entre uma folha e outra rabanetes cortados em forma de fiôr. No centro da travessa arrume com gosto o resto do abacate com o alface cortadinho bem fina e enfeite com rodelas de ovos cozidos e azeitonas pretas.

O molho para salada é bem simples: basta juntar o vinagre com azeite, uma pitadinha de sal e cebola bem picadinha. Misture muito bem e vá regando a salada.

2) — PUDIM DE CAMARÃO

Refogue muito bem 1 quilo de camarão fresco já descascado; bote 2 tomates, cebolinhas verdes, alho socado, rodela de cebola, pimentão cortadinho, sal e caldo de limão. Depois de refogado, deixe cozinhar um pouco. Depois de cozido retire o camarão e passe-o na máquina de moer. Coe o molho que ficou num p. assador, junte-lhe 1 colher bem cheia de farinha de trigo, 1 de manteiga, e 2 xícaras de leite. Leve esta mistura ao fogo, mexendo sempre até tornar num creme espesso. Retire então do fogo, junte-lhe os camarões e mais 4 claras em neve. Misture tudo e despeje numa forma com manteiga. Leve-a ao forno em banho-maria. Depois de cozido o pudim, retire-o do forno, deixe esfriar um pouco, vire num prato e cubra com um belo molho de tomates e queijo ralado.

3) — BIFE SIMPLES

O melhor peso de carne para bife é o filé-mignon mas podemos usar a alcatra, patinho, o chã-de-dentro e o colchão mole.

Corte os bifes, não muito finos; depois bata-os um pouco com bate-bife de madeira deixe-os repousar no sal e alho socado. Frite os bifes em gordura bem quente. Depois de prontos arrume-os em uma travessa e acompanhando os bifes batatinhas fritas ou cebolas-fritas. Sirva com arroz quente.

4) — CEBOLAS FRITAS

Corte 2 cebolas, das maiores, em rodelas grossas. Bata 2 ovos, depois passe as rodelas de cebola na farinha de trigo e nos ovos batidos e vá fritando até dourar bem.

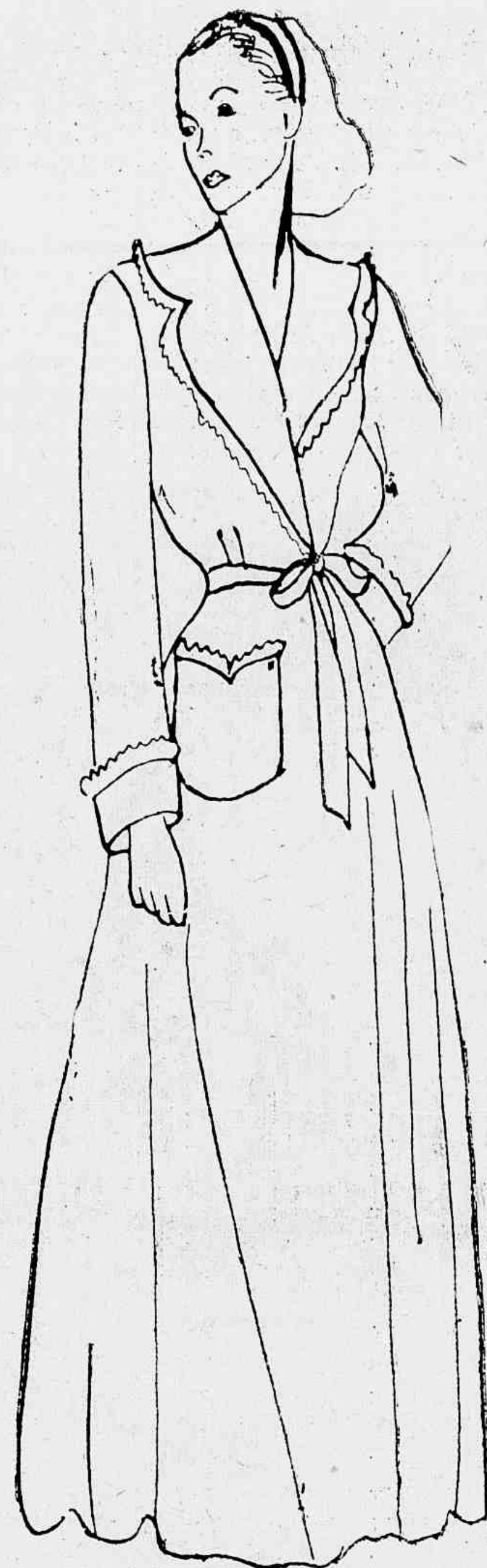
Terminado o almoço vem certamente a sobremesa. Dê-lhe duas para escolher:

5) — FANTASIA DE BANANAS

Passe numa penela fina, depois de bem amassadas, 8 bananas prata maduras. Misture a esse creme uma calda em ponto de fio, feita com 200 grs. de açúcar. Bata bem e junte ainda com uma xícara de creme de leite ou nata de leite misturando sempre. Deve para gelar. No momento de servir, arrume em taças cobrindo com claras batidas em neve com uma raspa de limão.

6) — DOCE DE ABÓBORA EM PEDAÇOS

Descasque e parta a abóbora em pedaços mais ou menos grandes, deixando-os de molho um's duas horas em água misturada com água de cal (comprar na farmácia). A mistura das duas águas deve cobrir inteiramente todos os pedaços, de abóbora. Passado esse tempo escorra essa água, lave os pedaços de abóbora e leve-os ao fogo numa calda rala que cubra os pedaços, deixando cozinhar devagarinho. Retire do fogo e deixe assim até o dia seguinte para que a calda penetre bem. Torne a levar novamente ao fogo para que a calda engrosse e então despeje numa penela para escorrer a calda. Escorridos, passe todos os pedaços em açúcar cristalizado e leve-os ao sol para secar. Para cada quilo de abóbora, são precisas 500 grs. de açúcar.



Um elegantíssimo casaco em "pied-de-poule" enfeitado com vici. Este casaco pode ser usado com sala da mesma fazenda ou preta. Gola chale e 6 botões abalho de cintura.

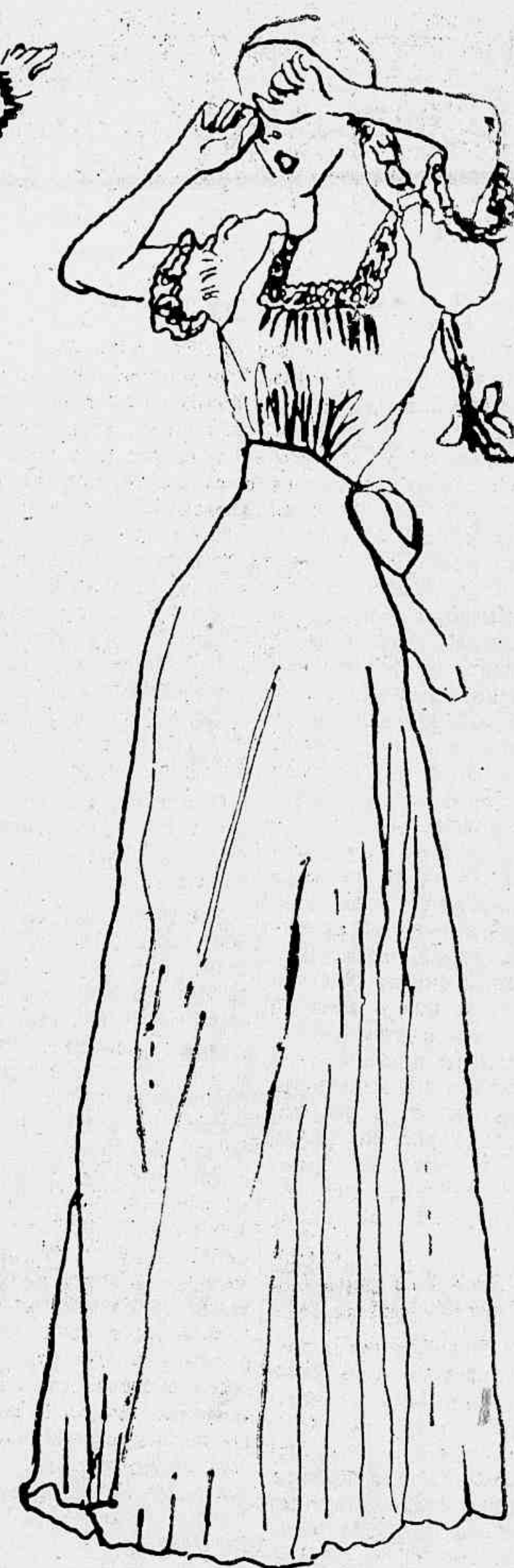
Nossos Modelos



Combinação em seda com aplicação de renda valenciana.



Pijama em seda ou algodão. Rabado da mesma fazenda, com renda na beira e nos punhos.



Camisola em cambraia ou seda, decote quadrado guarnecido de renda. Manga fôca.

LINGERIE



SEGREDOS DE BELEZA

Salete

A importância que devemos dar à beleza da pele não se deve limitar à maquiagem. É necessário preparar a cutis para receber essa maquiagem com melhores resultados.

A melhor maneira de obter-se tal preparação consiste em cuidar da pele, diariamente, antes de dormir, com o que se atinge, além de um indispensável objetivo de higiene, o estado de recepção para a maquiagem.

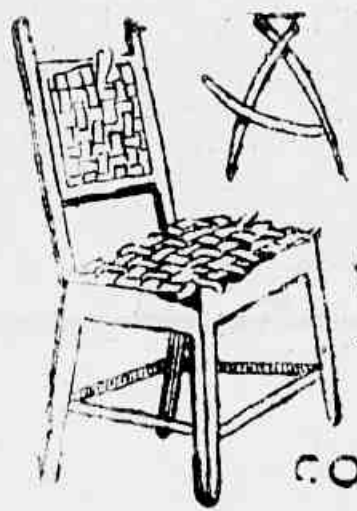
É justamente antes das horas do repouso que a pele precisa ser tratada com mais atenção, para que, livre das impurezas acumuladas durante o dia, possa auferir melhores resultados no período de descanso.

Sendo assim, antes de deitar-se, deve a minha amiga lavar o rosto com um bom sabonete, à base de lanolina. Enxague bem, para que não reste sobre a face nenhuma partícula de sabonete, aplicando, então, um bom creme nutritivo. Na falta deste, compre na farmácia uma pequena quantidade de lanolina. Misture-a com um pouco de óleo de oliva e algumas gotas de água de rosas. Após alguns minutos da aplica-

ção, retire o creme ou a mistura indicada para substituí-lo, usando para isso um lençinho de papel ou um pano bem fino. Sua pele amanhecerá limpa, fresca e bela.

Para os olhos cansados e congestionados, aplique compressas frias de água de rosas.





EMPALHADORA

CONTO DE GUY DE MAUPASSANT

Era no fim da jantar de inauguração das caçadas, na propriedade do marquês de Betrans. Onze caçadores, oito senhoras jovens e o médico da região se achavam reunidos em torno da grande mesa iluminada, coberta de frutas e de flores.

Veio-se a falar de amor, e uma grande discussão se entabou, a eterna discussão, para saber se se podia amar verdadeiramente uma única ou várias vezes. Citaram exemplos de gente que amou muitas vezes, e com violência. Os homens, em geral, acharam que a paixão, como as doenças, pode atacar várias vezes a mesma criatura, e atacá-la a ponto de a matar, se algum obstáculo se apuser. Embora este modo de ver não fosse contestável, as mulheres, cuja opinião se apoiava mais na poesia que na observação, afirmavam que o amor, o amor verdadeiro, o grande amor, só podia acometer uma única vez a um mortal; que era semelhante ao raio, esse amor, e que um coração tocado por ele ficava, depois, de tal forma esvaziado, assolado, incendiado, que nenhum germe poderia ali germinar de novo.

O marquês, que muito havia amado, combatia vivamente tal crença:

— Pois eu lhes digo que se pode amar várias vezes, com todas as forças e com toda a alma. Cham-se pessoas que se mataram por amor, como prova da impossibilidade de uma segunda paixão. Eu lhes responderei que, se não tivessem cometido essa asneira de suicidar-se, o que lhes retirava toda oportunidade de recaída, eles se teriam curado; e teriam recomeçado, e sempre, até a sua morte natural. Amorosos ou bêbados, dá no mesmo. Quem bebeu beberá — quem amou amará. É uma questão de temperamento, isso.

Tomaram por árbitro o doutor, velho médico parisiense, retirado para o interior, e pediram-lhe sua opinião.

Jusamente ele não a tinha: — Como disse o marquês, é uma questão de temperamento; quanto a mim, tive conhecimento de uma paixão que durou cinquenta e cinco anos, sem um dia de régua, e que só terminou com a morte.

E a marquesa, batendo palmas:

— Que lindo isto! E que sonho ser amado assim! Que felicidade viver cinquenta e cinco anos envolvidos nessa afeição tenaz e penetrando! Como deve ter sido feliz, e como deve ter abençoado a vida, aquele a quem adoraram dessa maneira!

O médico sorriu: — Com efeito, madame, a senhora não se engana nesse ponto, de que o ser amado tenha sido um homem. Conheço é M. Chouquet, o farmacêutico de burgo. Quando a ela, a mulher, também todos a conhecem aqui, é a velha empalhadora de cadeiras que vinha todos os anos ao castelo. Mas eu vou explicar melhor.

O entusiasmo das mulheres esfriara, e as suas fisionomias aborrecidas pareciam dizer: "Bah!", como se o amor só devesse atingir a seres refinados e distintos, os únicos dignos de interesse de gente educada.

O médico continuou:

— Eu fui chamado, há uns três meses, para ver aquela velha, no seu leito de morte. Chegara na véspera, no carro que lhe servia de casa, puxado pela mula ruça que viram, e acompanhada pelos dois grandes cães negros, seus amigos e guardas. O cura já ali se achava. Ela nos constituiu seus executores testamentários e, para nos esclarecer o sentido das suas últimas vontades, contou-me toda a sua vida. Não sei de nada mais singular nem mais pungente.

O seu pai era empalhador e a sua mãe empalhadora. Ela já mais conhecera casa plantada em terra.

Em pequenina, ela errava assim, maltrapilha, pilhenta, sordida. Paravam na entrada das aldeias, ao longo dos fossos; desatrelavam o carro, o cavalo pastava; o cachorro dormia, com o focinho entre as patas; e a pequena se rolava pelo capim, enquanto o pai e a mãe conservavam, à sombra dos olmos da estrada, todas as velhas cadeiras da comuna. Não falavam absolutamente, naquela casa ambulante. Após as poucas palavras necessárias para decidir quem sairia pelas ruas a apregoar: "Empalhador de cadeiras!" punham-se a preparar a palha, frente a frente, ou lado a lado. Quando a menina ia muito longe ou tentava entrar em relações com algum garoto da aldeia, a voz colérica do pai a chamava: "Volta para trás, crápula!" Eram as únicas palavras ternas que ela ouvia.

Quando se tornou maiorzinha, mandavam-na arrecadar os assentos de cadeiras avariados. Então ela esboçava, aqui ou acolá, algumas relações com os peizetes; mas eram então os pais de seus novos amigos que chamavam brutalmente seus filhos: "Já para dentro! Que eu não te veja mais de conversa com esses pés-rachados!"

Muita vez os pequenos lhe atiravam pedras.

Algumas damas lhe davam às vezes alguns sous, que ela guardava cuidadosamente.

Um dia — tinha ela onze anos — quando de passagem por aqui, encontrou atrás do cemitério o pequeno Chouquet, que chorava porque um camarada lhe havia roubado duas moedas. Aquelas lágrimas de um burguezinho, de um desses pequenos que ela, na sua frágil cachola de deserdada, imaginava sempre felizes e contentes, causaram-lhe um grande abalo. Ela aproximou-se e, quando soube do motivo do pranto, derramou-lhe nas mãos todas as suas economias, sete sous, que ele recebeu com toda a naturalidade, enxugando as lágrimas. Então, louca de alegria, ela teve a audácia de beijá-la. Como estivesse a considerar atentamente o seu dinheiro, ele deixou-a fazer. Não se vendo nem escorregada, nem batida, ele recomeçou; beijou-o então num grande abraço, de todo o coração. Depois fugiu.

Que se passou naquela miserável cabecinha? Ligara-se ao menino porque lhe sacrificara a sua fortuna de vagabunda, ou porque lhe havia dado o seu primeiro beijo de ternura? O mistério é

o mesmo, para pequenos e grandes.

Durante meses, ela sonhou com aquele recanto de cemitério e com aquele menino. Na esperança de revê-lo, ela pôs-se a roubar seus pais, surrindo um sou aqui, um sou acolá, do preço de uma empalhagem, ou das provisões que ia comprar.

Quando ela voltou, tinha dois francos no bolso, mas só conseguiu avistar o pequeno farmacêutico, muito asseado, atrás das vidraças da botica paterna, entre um bocal vermelho e uma ténia.

Ela o amou ainda mais, seduzida, emocionada, extasiada com aquela glória de água colorida, aquela apoteose de cristais brilhantes.

Ela guardou consigo a sua inextinguível recordação, e quando o encontrou de novo, no ano seguinte, junto à escola, jogando bolinha com seus camaradas, tomou-o nos braços e beijou-o com tamanha violência, que ele se jogou no chão apaziguado, ela lhe deu o seu dinheiro: 3 francos e 20, um verdadeiro tesouro, que ele contemplava de olhos arregalados.

Ele tomou-o e deixou-se acariciar o quando ela quis.

Durante mais de quatro anos, ela despejou-lhe nas mãos todas as suas reservas, que ele embolsava com consciência, em troca de beijos consentidos. Por uma vez trinta sous, uma vez dois francos, uma vez, doze sous apenas (ela chorou de pesar e humilhação, mas o ano fora ruim), e, na última vez, cinco francos, uma grande moeda redonda, que o fez rir de puro contentamento.

Ela não pensava senão nele; e ele esperava a sua volta com certa impaciência, corria a seu encontro ao avistá-la, o que fazia saltar o coração da menina.

Depois ele desapareceu. Tinha-nos mandado para o colégio. Ela o soube interrogando habilmente. Então usou de uma diplomacia infinita para mudar o itinerário de seus pais e fazê-los passar por aqui durante as férias. Ela o conseguiu, mas após um ano de artifícios. Ficava, pois, dois anos sem o rever; e mal o reconheceu, tanto ele se achava mudado, crescido, aforesado, imponente na sua túnica de botões de ouro. Ele fingiu não vê-la e passou orgulhosamente junto dela.

Isso a fez chorar durante dois dias; e desde então ela sofreu sem cessar.

Todos os anos ela voltava; passava por ele sem ousar cumprimentá-lo e sem que ele se dignasse ao menos a voltar o olhos para ela. Ela o amava perdidamente. Assim me disse: "É o único homem que eu vi neste mundo, doutor; eu mesmo nem sabia se os outros existiam."

Seus pais morreram. Ela continuou no ofício, mas tomou dois cachorros em lugar de um, dois terríveis canzarrões que ninguém ousaria afrontar.

Um dia, ao entrar na aldeia onde lhe ficara o coração, avistou uma jovem senhora que saía da Farmácia Chouquet, pelo braço de seu bem-amado. Era a sua mulher. Ele estava casado.

Na mesma noite ela se lançou no charco que existe na praça da Prefeitura. Um bebado retardatário pescou-a e levou-a

para a farmácia. O jovem Chouquet desceu de noite de chamore e seu pai não reconheceu-a, de pura, friccionou-a, depois lhe disse num tom severo: "Você é uma louca! É asneira fazer uma coisa destas!"

Isso bastou para a curar. Ele lhe havia falado! Ela sentia-se feliz para muito tempo.

Ela nada quis receber em remuneração de seus cuidados, em hora ela insistia vivamente em lhe pagar.

E toda a sua vida se passou assim. Ela empalhava pensando em Chouquet. Todos os anos e vislumbava por detrás de suas vidraças. Tomou o hábito de comprar na sua casa provisões de pequenos medicamentos. Desse modo, ela o via de perto, e lhe falava, e ainda lhe dava dinheiro.

Como já disse, ela morreu nesta primavera. Depois de me haver contado toda esta triste história, pediu-me para entregar àquele a quem tão pacientemente amara, todas as economias da sua existência, pois não havia trabalhado senão para ele, unicamente para ele, dizia ela, chegando até a jejuar para fazer economias, e ter certeza de que ele pensaria nela, ao menos uma

vez na vida dela, teria mandado preceitos e pó-la na cadeia. E ela não teria saído assim sem mais nem menos, garanto-lhe!"

Eu estava estupefato com o resultado da minha pedona iniciativa. Eu não sabia que dissesse nem que fazer. Mas tinha de completar minha missão. Continuei, pois: "Ela me encarregou de entregar-lhe as suas economias, que montam a dois mil e trezentos francos. Como o que eu acabo de comunicar-lhe parece ser tão desagradável, talvez seria melhor dar-lhe, de dinheiro aos pobres".

Ela me olhavam, o homem e a mulher, paralizados de espanto. Tirei o dinheiro do bolso, miserável dinheiro de toda parte e de todo feitio, ouro e cobre misturados. Depois perguntei: "Que resolvam?"

Mme. Chouquet falou primeiro: "Mas, já que é a última vontade dessa mulher... parece-me que nos seria difícil recusar".

O marido, vagamente confuso, acrescentou: "Sempre poderíamos comprar com isto alguma coisa para os nossos filhos".

Eu disse, num tom seco: "Como quizerem".

Ele tornou: "Dê-me, enfim, já que ela o encarregou disso; sem-



vez, quando ela estivesse morta.

Entregou-me, pois, dois mil trezentos e vinte e sete francos. Deixei ao senhor cura os vinte e sete francos para o enterro, o levei o resto quando ela exalou o último suspiro.

No dia seguinte fui procurar os Chouquet. Eles acabavam de almoçar em face um do outro, gordos e corados, cheirando a drogas farmacêuticas, importantes e saízetos.

Fizeram-me sentar; ofereceram-me um Kirsch, que eu aceitei; e comecei com uma voz comovida, persuadido de que eles iam chorar.

Logo que compreendeu que fora amado por aquela vagabunda, aquela empalhadora, aquela coisa nenhuma, Chouquet estremeceu de indignação, como se ela lhe houvesse roubado a sua reputação, a estima da gente honesta, a sua honra íntima, qualquer coisa de delicado, que lhe era mais caro do que a vida.

Sua mulher, tão exasperada quanto ele, repetia: "Aquele ordinário! aquela ordinária, aquela ordinária!" sem poder encontrar outra coisa.

Ele erguera-se; caminhava a grandes passadas do outro lado da mesa, com a carapuça de banda sobre a orelha. E balbuciava: "Compreenda-se isto, doutor! Há coisas horríveis para um homem! Oh! se eu soubesse disso

pre havemos de encontrar um meio de empregá-lo na alguma boa obra.

En entreguei o dinheiro, cumprimentei, e parti.

No dia seguinte Chouquet veio procurar-me e, de repente: "Mas aquela... aquela mulher deixou aqui o seu carro, não? Que vai fazer o senhor daquele carro?"

— "Nada, fique com ele, se quiser".

— "Perfeitamente; serve-me; farei com ele uma cabana para a minha horta".

Ela ia partindo. Eu o chamei. "Ela deixou também o cavalo velho e os dois cachorros. Não os quer?" Ele parou, surpreso: "Oh! não. Que quer que faça com eles? Disponha deles como achar melhor". E ele ria. Depois estendeu-me a mão, que eu apertei. Que querem? Numa aldea, o médico e o farmacêutico não podem ser inimigos.

Guardel os cães comigo. O cura, que tem um grande quintal, ficou com o cavalo. O carro serve de cabana a Chouquet; e ele comprou cinco ações da viáférre, com o dinheiro.

Es o único amor profundo que eu encontrei na minha vida".

O médico se calou.

Então a marquesa, que tinha lágrimas nos olhos, suspirou: "Decididamente, não há como as mulheres para saberem amar!"

Nesses Garçotes

Era uma vez um velho camponês que vivia com sua mulher e uma linda filhinha em uma casa pobre, porém muito pitoresca. Ao lado, em um terreno cercado, havia uma horta cheia de legumes onde o

A pretensão do rato

(Conto popular russo)

camponês cultivava legumes deliciosos! Entre eles, causava espanto um enorme pé de nabo. Cada semana que se passava mais a hortalica crescia. Cresceu... cresceu... até que chegou o dia em que o camponês achou que devia arrancar o pé-de-nabo.

De manhã cedo, dirigiu-se à horta, abaixou-se e segurando fortemente as folhas do legume deu-lhe um puxão! Mas o nabo não saiu da terra! O homem tornou a puxar, dessa vez com mais força. Tudo inútil. A raiz estava firme no solo.

Vendo que nada conseguia sozinho, o camponês resolveu chamar a mulher.

— Norma, corre aqui! Ajuda-me a arrancar esse nabo!...

A mulher veio correndo.

O camponês tornou a puxar as folhas. A mulher puxava o camponês. E puxa, que puxa... mas o nabo não saía.

O velho chamou então pela filha.

E deu outro puxão.

A mulher puxava o camponês, a menina puxava a mulher. E puxa que puxa... mas o nabo não saía. O velho chamou então pelo cachorro. E deu outro puxão.

A mulher puxava o camponês, a menina puxava a mulher e o cachorro com os dentes puxava a menina

E puxa que puxa... mas o nabo não saía. O velho chamou então pelo gato.

E deu outro puxão.

A mulher puxava o camponês, a menina puxava a mulher, o cachorro puxava a menina e o gato, com a pata puxava o cachorro.

E puxa que puxa... mas o nabo não saía. O velho chamou então pelo rato.

E deu outro puxão.

A mulher puxava o camponês, a menina puxava a mulher, o cachorro puxava a menina, o gato puxava o cachorro e o ratinho puxava o gato.

E puxa que puxa... até que a raiz de repente desprende-se do solo.

Tôda a fila de puxadores caiu de pernas para o ar! O rato todo prosa declarou então:

— Estão vendo! Se não fosse eu, com a minha força, o nabo gigante não sairia hoje da terra!

Essa lenda do folclore russo demonstra a pretensão de certos indivíduos pequeninos que se julgam autores de muitos acontecimentos, para os quais eles colaboraram apenas com um esforço mínimo, quase nulo...

SOCIAIS

ANIVERSÁRIOS

31 de julho — Aceli Ferreira Veiga, de Francisco Ferreira Veiga e Antonia Ferreira Veiga, de Santos, São Paulo.

4 de agosto — 4.º Aniversário da União Feminina de Mesquita, E. do Rio.

9 de agosto — Lila Car-

men Bastos Cardoso, de São João de Merity, Estado do Rio.

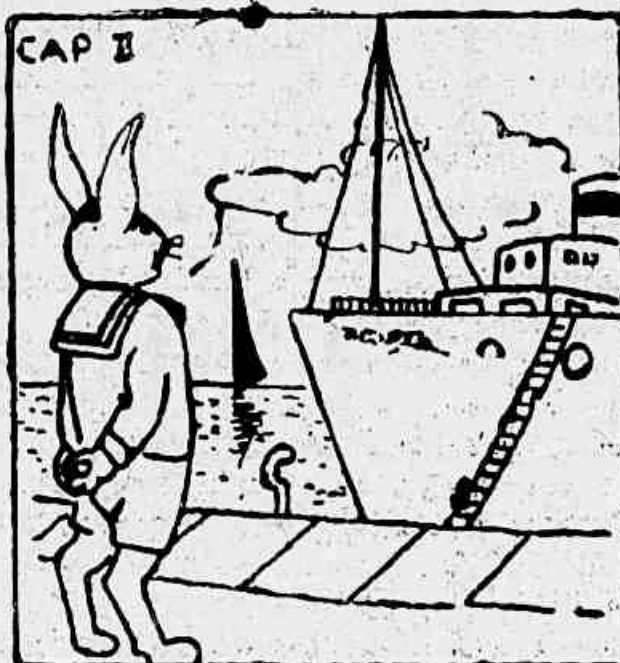
15 de agosto — Dionésia Greves Gotelipe, socia da Associação Feminina de Mesquita.

20 de agosto — Lidia Thelma, nossa amiga de Mesquita, Estado do Rio.

30 de agosto — Vantuir, nosso amiguinho de Madureira, Distrito Federal.



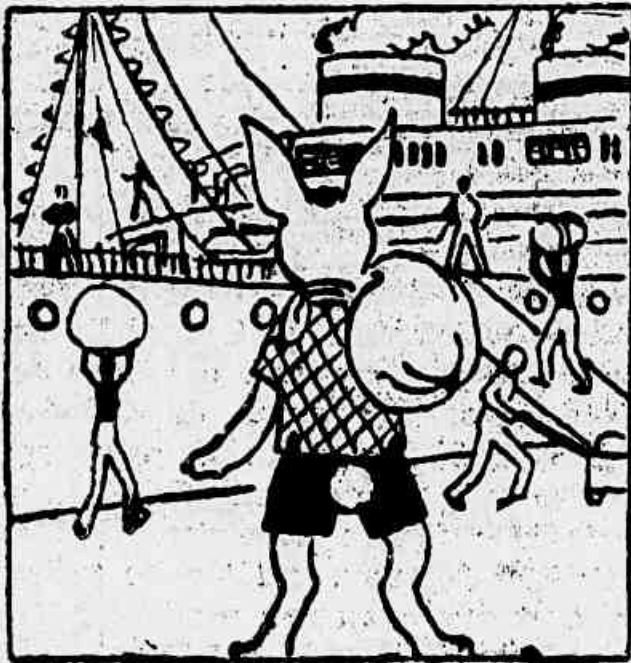
(CAPÍTULO II — Texto e desenho de Leda SA)



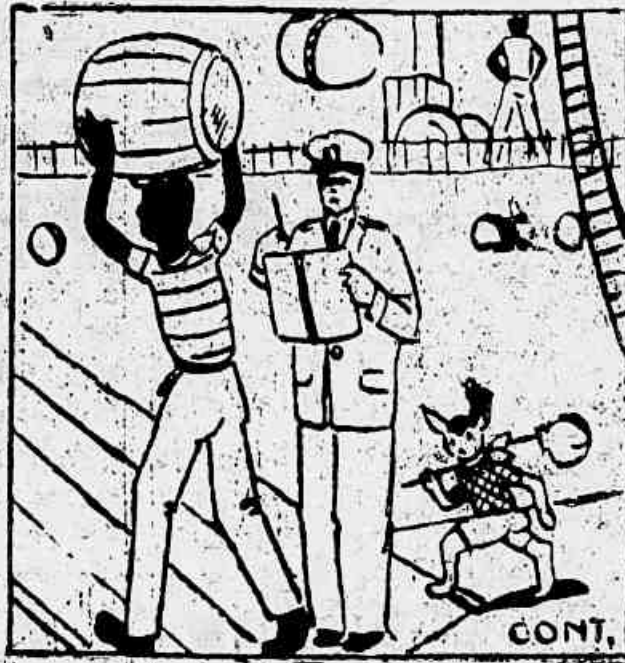
I — Numa manhã, estava para levantar âncora um grande navio de passageiros que devia seguir para a Europa. Sarrafo, sabendo disso, não resistiu mais aos seus desejos de conhecer novas terras e resolveu partir.



II — Naquela noite depois do jantar, beijou muito os pais e a irmãzinha que ainda engatinhava, foi para o quarto, fez sua traxe e encaminhou-se para o cais.



III — Lá chegando ficou tonto com o movimento, que era enorme. O navio ia partir e os últimos carregamentos estavam sendo feitos.



IV — Sarrafo, conseguindo iludir a vigilância dos guardas, subiu sorrateiramente pela prancha que servia para o carregamento de carvão. Uma vez lá dentro, agitou-se como pôde e esperou os acontecimentos.

a Moreninha

J. M. MACEDO

— Esqueceu-se, por consequência, de sua mulher e do seu breve? — perguntou a sra. d. Ana, interrompendo Augusto.

— Ao contrário, minha senhora, tornou este; foi essa minha resolução que me tornou mais firme e mais amante de minha mulher.

Não sei, continuou Augusto, que teve o amor comigo, para entender que todas as moças deviam rir-se de mim e zombar de meus afetos! Pensa que brinco, minha senhora?... pois foi isso mesmo que me sucedeu no decurso de minhas paixões. Eu resumo algumas.

A primeira moça que amei era uma bela moreninha, de dezesseis anos de idade. Fiz-lhe a minha declaração na carta mais patética que um pateta poderia conceber, e no fim de três dias recebi uma resposta abrasadora e cheia de protestos de gratidão e ternura; meu coração se entusiasmou com isso... Na primeira reunião de estudantes contei a minha vitória, li a minha carta e a resposta que havia recebido, e fui vivamente aplaudido; porém, oito dias depois, os mesmos estudantes quase me quebraram a cabeça com cacholetas e gargalhadas, porque oito dias, bem contados, depois dessa resposta, a minha terna amada casou-se com um velho de sessenta anos. Jurei não tornar a amar moça alguma que tivesse a cor morena.

Apaixonei-me logo e fui, desgracadamente, correspondido por uma interessante jovem tão coradinha, que parecia mesmo uma rosa francesa. Encontrámo-nos nas noites dos sábados em certa casa, onde se dava todas as semanas uma partida; era a mais agradável sabatina que podia ter um estudante; porém, o meu novo amor chegava a ser tocante de mais, e a minha querida levava o ciúme até um ponto que me atormentava prodigiosamente: se passava algum dia em que a não visse e lhe não mandasse uma flor parecia-me depois chorosa e abatida; se em qualquer partida eu me atrevia a dançar com alguma outra moça bonita, era contar com um desmaio certo, e desmaio de que não acordava sem que eu mesmo lhe chegasse ao nariz o seu vidrinho de essência de rosas: tudo mais, era por este teor a forma. Este amor já estava um pouco velho, certamente pois tinha três meses de idade. Um sábado mandei-a prevenir que faltaria à partida; mas, tendo terminado cedo meus trabalhos não pude resistir ao desejo de vê-la e fui à reunião; eram onze horas da noite quando entrei na sala, procurei-a com os olhos e certo moço, com quem me dava que me entendeu, apontou para um gabinete vizinho. Voei para ele.

Ela estava sentada junto de um pancebo e com as costas voltadas para a porta, tomando sorvetes. Cheguei-me de manso; conversavam os dois, sem vergonha nenhuma, em seus amores!... Fiquei desapontado, e tanto mais que, pelo que ouvi, eles já se correspondiam há muito tempo; mas o meu espanto se tornou em fúria quando ouvi o machacaz falar no meu nome fingindo-se zelososo, e receber a resposta as seguintes palavras: — Augustozinho?... lamenta-se antes, coitado! É um pobre me-

lho com que me divirto nas horas vagas!... Soltei um surdo gemido; a traidora olhou para mim, e, voltando-se depois para o seu querido, disse com o maior sangue frio: — Ora, aí tem! perdi por sua causa um divertimento.

Jurei não amar moça nenhuma de cor rosada, mas, sem emendar-me, ainda tornei-me cego amante de uma jovem pálida, e como das outras, vês, fui correspondido com ardor; mas desta tive eu provas de afeto muito sérias. Antes de ver-me, ela amava um primo e até escrevia-lhe a maldade; exigiu que a minha terceira amada continuasse a receber cartas dele e que as respondesse; consenti nisso, com a condição de lhe redigir eu as respostas. Belo! disse eu comigo: vou também divertir-me por minha vez à custa de um amante infeliz!

E o negócio ficou assentado. Infelizmente eu não conhecia o primo da minha amada, mas essa era a infelicidade mais tolerável possível.

Um dia tratamos de encontrarmos em certa igreja onde tinha de haver esplêndida festa; cheguei cedo, mas, logo depois de minha chegada, rebentou uma tempestade e choveu prodigiosamente. Pouco durou o mau tempo, porém as ruas deveriam ter ficado alagadas e a bela esperança não podia vir; apesar disso eu olhava a todos os momentos para a porta e, coisa notável, sempre encontrava os olhos de um outro moço, que se dirigiam também para lá; acabada a festa, ambos nos aproximamos.

— Nós devemos ser amigos, disse ele.

— Eu penso do mesmo modo, respondi.

E apertamos as mãos.

— Sou capaz de jurar que adivinho a razão por que o senhor olhava tanto para aquela porta, continuou ele.

(Continua)

APRENDA A LER!

11ª Lição



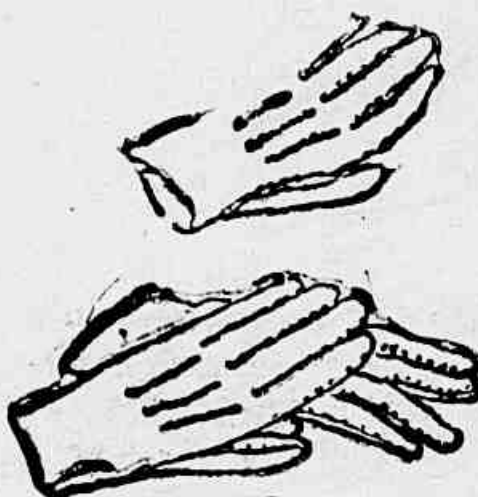
mão
ma mão
li mão
a le mão

tão
bo tão
me tão
lei tão

le ... ão

pão
vão
dão
são

Déia e Lia vão ao baile
Déia e Lia vão ao baile
Lia é tão bonita!
Lia é tão bonita!



A luva
A luva

1 dado
1 dado

As luvas
As luvas

2 dados
2 dados

Escreva sobre os pontos a palavra adequada:

A mala 1 nabo A mão
As ... 3 ... As ...
Uma bola O bule O pé
Luvas ... Os ... Os ...

VITORIOSA A GREVE DOS UNIVERSITARIOS

Acabam os universitários cariocas de obter uma grande vitória depois de uma greve que se caracterizou pela perfeita unidade e organização da classe estudantil.

A propósito, procuramos ouvir diversos universitários que nos fizeram revelações bastante interessantes a respeito da recente greve, de que tanto se ocuparam os jornais.

— A greve começou na Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro que é uma Sociedade Anônima e cujo maior acionista é seu Diretor, Dr. Rolando Monteiro — esclareceram-nos um jovem.

— O que deu origem à greve? — perguntamos.

— A história vem de longe — disse-nos Antônio Pedro, um dos participantes da Comissão de Greve. Desde 1948 o Dr. Rolando Monteiro, em convivência com o Ministério da Educação, vinha aumentando as taxas que, de Cr\$ 300,00 naquele ano passaram a Cr\$ 450,00 em 1950. O pagamento devia ser pago adiantadamente ou atrasado com juros de mora até de 30 %. Se um estudante ficasse dependendo de uma cadeira, precisava pagar Cr\$ 500,00; uma revisão de prova significava Cr\$ 200,00. Para o primeiro exame vestibular foi cobrada a taxa de Cr\$ 200,00 e para o segundo Cr\$ 300,00.

— Quer dizer que o homem gosta mesmo do dinheiro, não é?

— É um comerciante explorando o ensino, sob as vistas benevolentes do Ministério da Educação — disse-nos um jovem estudante.

— Além de tudo isso, o Dr. Rolando, com seu espírito ditatorial, resolveu dissolver em 1948 o Diretório Acadêmico — prosseguiu Antônio Pedro. Este ano foi formado um novo Diretório que começou a se ocupar do problema do aumento ilegal das taxas, o que já não agradou ao Diretor... De acordo com os seus interesses, o Dr. Rolando Monteiro resolveu marcar as provas parciais para o mês de julho, de tal forma que os estudantes ficassem sem as férias a que têm direito.

— Resolvemos protestar contra mais essa arbitrariedade — interveio outro jovem. Procuramos o Diretor que nos recebeu mal e ofendeu, inclusive, o nosso colega Mucci que respondeu à altura, pelo que lhe foi imposta a penalidade máxima prevista no regulamento da Escola, isto é, suspensão por 60 dias.

— Foi a gota d'água que fez transbordar a nossa indignação — acrescentou a jovem que já nos falara. A Faculdade inteira entrou em greve, reivindicando remarcação das provas parciais e a anulação da penalidade imposta ao nosso colega. Depois de recorrermos ao Ministério da Educação e às Câmaras municipal e federal, resolvemos procurar a União Metropolitana de Estudantes, pois a greve já durava 57 dias!

— E qual foi a atitude da entidade de classe? perguntamos.

— A U. M. E. solidarizou-se imediatamente com a nossa causa. Basta dizer que em quatro dias ficou resolvido o assunto devido à atitude firme dos universitários cariocas que entraram em greve de solidariedade. Foi dado um prazo ao ministro da Educação para resolver o problema sem o que os universitários de todo o Brasil entrariam igualmente em greve. Diante da atitude decidida e da perfeita unidade demonstrada pelos 14.000 universitários, o ministro da Educação não teve outro remédio senão atender às reivindicações dos estudantes.

— O "entêrro" do dr. Rolando também ajudou muito — acrescentou outro jovem. Com a participação de 2000 estudantes realizamos uma passeata que percorreu o centro da cidade com cartazes alusivos à posição do ministro da Educação que ao invés de ficar ao lado dos estudantes, prefere ficar ao lado dos exploradores do ensino.

Despedimo-nos dos jovens estudantes, congratulando-nos pela sua expressiva vitória que é um belo exemplo do que podem conseguir a solidariedade e a organização de uma classe.

Programa da Frente Democrática de Libertação Nacional

«IMPEDI
NOVAS
LIDICES»

O líder político Luis Carlos Prestes num manifesto ao povo brasileiro, lançado a 1.º de agosto, analisa a situação nacional em função da situação internacional, que se agrava a cada momento. Analisa no documento a traição que domina os meios governamentais, traduzida na subserviência econômica e política ao governo norte-americano com a an-

tregua das riquezas naturais brasileiras e a alienação da soberania nacional. O documento friza, ainda, o compromisso de 20.000 vidas de jovens brasileiros que o governo pretende, através do pacto do Rio de Janeiro, entregar para participar da agressão criminosa dos Estados Unidos à República da Coreia do Sul.

Além da análise profun-

da em torno dos problemas que atormentam o povo brasileiro, o documento apresenta um programa de 9 pontos para a organização da Frente Democrática de Libertação Nacional, fazendo um apelo pela união de todo o povo brasileiro em torno desse programa, independente de convicções religiosas e pontos de vista políticos e filosóficos. Dada

a importância de seus pontos, o **MOMENTO FEMININO**, tem o sentido de divulgar e mostrar as mulheres o caminho de libertação nacional que é o da fartura nos lares, da felicidade e segurança de seus filhos, publica abaixo alguns deles em torno dos quais as mulheres devem organizar-se para alcançar as reivindicações nele contidas.

PROGRAMA

POR UM GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR — Substituição da atual ditadura feudal-burguesa servil ao imperialismo por um governo revolucionário, emancipação direta do povo e legítimo representante do bloco de todas as classes e camadas sociais, de todos os setores da população do país que participem efetivamente da luta revolucionária pela libertação nacional do jugo imperialista, sob a direção do proletariado.

PELA PAZ E CONTRA A GUERRA IMPERIALISTA — Interdição absoluta da arma atômica, rigoroso controle internacional dessa interdição e condenação como criminoso de guerra do governo que primeiro utilizar essa arma de agressão e extermínio em massa. Luta efetiva pela paz, contra os provocadores de guerra e todas as medidas de preparação guerreira. Contra a política reacionária e guerreira do governo norte-americano, por uma política de paz e de luta efetiva pela paz no mundo inteiro e de apoio à luta anti-imperialista e de libertação nacional de todos os povos. Contra o Tratado do Rio de Janeiro e todos os demais tratados internacionais de guerra. Contra qualquer concessão de bases militares em nosso solo ao governo norte-americano. Imediato estabelecimento de relações comerciais e diplomáticas com a União Soviética, com a China Popular, com a Alemanha Democrática e todos os povos amantes da paz.

PELA ENTREGA DA TERRA A QUEM A TRABALHA — Confiscação das grandes propriedades latifundiárias com todos os bens móveis nelas existentes, sem indenização e imediata entrega gratuita de suas máquinas, ferramentas, animais, veículos, etc., aos camponeses sem

terra ou possuidores de pouca terra e a todos os demais trabalhadores agrícolas que queiram se dedicar à agricultura. Abolição de todas as formas semi-feudais de exploração da terra, abolição da "meia", da "terça", etc., abolição do vale e obrigação de pagamento em dinheiro a todos os trabalhadores. Imediata anulação de todas as dívidas dos camponeses para com o Estado, bancos, fazendeiros, comerciantes e usurários.

INSTRUÇÃO E CULTURA PARA O POVO — Ensino gratuito para todas as crianças entre 7 e 14 anos de idade e redução de todas as taxas e impostos que pesam sobre a instrução secundária e superior. Trabalho para a juventude que termina seus estudos. Apoio e estímulo à atividade científica e artística de caráter democrático.

PELO IMEDIATO MELHORAMENTO DAS CONDIÇÕES DE VIDA DAS MASSAS TRABALHADORAS — Aumento geral de salários, inclusive do salário mínimo familiar, que devem ser colocados no nível já atingido pelo custo da vida. Escala móvel de salários. Salário igual para igual trabalho, para homens, mulheres e menores. Abolição imediata da assiduidade de cem por cento. Aposentadoria e pensões que satisfaçam as necessidades, vitais dos trabalhadores e suas famílias, e ajuda aos desempregados. Democratização da legislação social, sua ampliação e extensão aos assalariados agrícolas. Assistência social custeada pelo patrão e pelo Estado. Fiscalização dos direitos dos trabalhadores, bem como a administração da assistência social, entregue aos próprios trabalhadores por intermédio de seus sindicatos. Imediata melhoria da situação econômica dos soldados e marinheiros.

A MULHER NORTE-AMERICANA CONTRA O ENVIO DE TROPAS PARA A COREIA

Mil policiais montados e em motocicletas, dispersaram um comício pró-paz que se realizou em Nova York, com a participação de centenas de mulheres.

A multidão, conduzindo cartazes que reclamavam uma política de não intervenção na Coreia, resistiu durante uma hora à tentativa da polícia em dispersar os manifestantes.

Durante quatro horas esteve o trânsito interrompido, tendo participado da mani-

As mães protestam!

festação cerca de oito mil transeuntes.

Várias mulheres foram presas na ocasião.

A mulher norte-americana demonstra assim sua repulsa à política intervencionista e criminosa do governo dos EE. UU., que oprime e escraviza o povo coreano.

A MULHER BRASILEIRA CONTRA O ENVIO DE TROPAS

Cinco mulheres foram violentamente espancadas e presas na capital de São Paulo, quando protestavam publicamente contra o envio de tropas brasileiras para a Coreia.

O governo brasileiro mos-

tra assim na prática que já está comprometido com os EE. EE. e não hesita em sacrificar a vida de 20.000 jovens brasileiros, para satisfazer os desejos dos grandes capitalistas americanos.

A MULHER FRANCESA CONTRA A GUERRA

Uma jovem francesa Raymonde Dien, deitou-se sobre os trilhos de uma via férrea para impedir a passagem de um trem que transportava armas e munição enviadas pelos Estados Unidos para o governo francês, para a criminosa

guerra contra o povo do Viet-Nam.

Por essa atitude patriótica, Raymonde Dien foi condenada a um ano de prisão por um governo francês que serve assim aos interesses de guerra dos monopolistas norteamericanos.

EXPOSIÇÃO

A Escola do Povo, continuando seus esforços pela cultura popular, vai inaugurar uma exposição de artes plásticas no Salão do Diretório Acadêmico da E. N. gre, defronte da Biblioteca N. B. A., à rua Araújo Porto Alegre, devendo ali permanecer até 15 de setembro próximo.

Essa exposição será intitulada «Os Pintores à Escola do Povo», significando que serão exibidos valiosos trabalhos que foram ofertados pelos seus autores, entre os quais estão — só para citar alguns — Fortinari, Darwin, Pancetti, Di Cavalcanti, Inês Campello, Carola Zilar, Tadeu, Temeiro, Honório Paganha, Sellar, Sigaud, Sílvia.

Ha oito anos atrás, o mundo inteiro ficou imobilizado com a tragédia que se abateu sobre a aldeia tcheca de Lidice. Os nazistas a arrastaram ao solo, seu nome foi riscado do mapa — mas não foi possível apagar da memória da humanidade. Essa aldeia-mártir se tornou o símbolo da eliminação dos povos de destruir o fascismo.

Agora, oito anos depois desse ato de selvageria, 126 mulheres que sobreviveram aos horrores dos campos de concentração e às criações que foram conduzidas a Alemanha e ali encontradas depois da guerra, lançaram ao mundo um apelo: impedi novas destruições de Lidice! impedi uma nova guerra!

«Hoje, no oitavo aniversário do arrastamento de Lidice pelos fascistas alemães — diz a proclamação — nós, sobreviventes de Lidice, nos encontramos na desolada planície onde ficavam nossas casas; nos encontramos ao pé dos túmulos de nossos maridos, pais, filhos e irmãos e voltamos-nos para as mulheres e mães do mundo inteiro com este apelo: Não permiti uma nova Lidice, impedi a guerra!

«Ainda ouvimos em nossas almas os gritos desesperados de nossos filhos. Nós os seguimos nos braços e eles nos foram arrebatados. Somente 16 chegaram a câmaras de gás. 57 mães de Lidice foram assassinadas nos campos de concentração».

Mais adiante diz a proclamação:

«Nunca esqueceremos que Lidice foi destruída como Oradour na França, Coventry na Grã-Bretanha, e milhares de cidades e aldeias na União Soviética, Polónia e outros países foram arrasadas. Lembrando os 75 milhões de vítimas da última guerra, não podemos deixar de recordar também que existem hoje no mundo pessoas que estão preparando um novo massacre por amor aos lucros. Nós, entretanto, construímos um mundo de paz.

Portanto, do lugar onde foi erigida uma cruz com uma coroa de espinhos uma nova Lidice surge como símbolo da vida. A nova República tchecoslovaca está dando aos sobreviventes de Lidice, como a todos os cidadãos, uma vida que é nova, bela e plena. Unamo-nos em nome da vida e evitaremos um novo massacre».

Concluindo, a proclamação transcreve os termos do Apelo de Estocolmo contra a bomba atômica e dirige-se a todas as mulheres, em nome dos seus filhos torturados, em nome do futuro da humanidade, pedindo-lhes que o assinem.

Clínica e Cirurgia de Senhoras

TRATAMENTO DO CASAL ESTERIL

Dr. Campos da Paz Filho

Laureado pela Academia de Medicina e Sociedade de Medicina e Cirurgia — Consultas com hora marcada — EDIFÍCIO CARIOCA

AULAS DE TRABALHOS

A Escola do Povo, através d' Trabalhos Manuais e de Artes, às 2.ªs e 4.ªs feiras às 18h 19 horas e sábados das 10h 17 horas.

A Escola do Povo funciona @ Av. Venezuela n.º 7 — 8.º andar

Fernando Pereira e Roberta Gnatali numa cena de "Aglaiá" o novo filme de Ruy Santos, que está em vias de ser concluído. O pai de Roberta, Radamés Gnatali, compôs as canções do filme e também estará encarregado da partitura musical.

A fraqueza dos filmes brasileiros revelada através de quase todos os filmes que já temos visto, reflete claramente a falta de amparo do governo de Dutra aos jovens que desejam realizar seja o que fôr, principalmente no campo da arte e da ciência.

Pelo grau de desenvolvimento da arte de um país podemos avaliar o desenvolvimento do seu povo.

Sendô o cinema uma das artes mais complexas, necessitando o trabalho de equipe bem organizada para conseguir a unidade desejada para um bom filme, podemos ver que "Aglaiá" não é um filme completo, salvando valores isolados de artistas e técnicos que sacrificam horas exaustivas de trabalho, sem contudo alcançar integralmente o que desejam: um bom cinema nacional.



GARCIA LORCA

Ary de ANDRADE

(Especial para "Momento Feminino")

Federico Garcia Lorca, cuja memória é um dever de honra cultuarem os homens livres de todos os países, foi assassinado pelos guardas civis espanhóis por ordem do bandido Francisco Franco. Graças ao depoimento posterior de um antigo guarda civil que estava entre os assassinos, guardaram-se os nomes dessas feras: o sádico tenente Medina, Francisco Ubina Jimenez, Carrión e o sargento Romacho. Mataram-no a poucos quilômetros de Padul, a caminho de Granada, a sua Granada.

Por isso, Antônio Machado, outra vítima do monstro Franco, descrevendo em versos imortais o crime franquista, escreveu:

"EL CRIMEN FUE EN GRANADA"

"Se le vió, caminando entre fusiles
por una calle larga,
salir al campo frío,
aun con las alas, de la madrugada.
Mataron a Federico
cuando la luz asomaba.
El pelotón de verdugos
no osó mirarle a la cara.
Todos cerraron los ojos;
rezaron: ni Dios te salva!
Muerto cayó Federico
— sangre en la frente y plomo en las entrañas —
... que fué en Granada el crimen
sabed — pobre Granada! —, en su Granada!..."

Ninguém no mundo perdoou nem jamais perdoará este monstruoso crime do fascismo, inimigo jurado da liberdade, da cultura e do povo. Que fizera, porém, o grande lírico para que merecesse tal castigo? Vejamos, p. ex., o que nos ensina um outro grande espírito José Bergamin, professor, crítico e publicista católico exilado como tantos homens decentes da Espanha: "Federico Garcia Lorca es el poeta contemporáneo mas íntimamente y diríamos pudorosamente, arraigado en la gran poesía popular y tradicional española. Talvez por eso deba morir como há muerto, en su Granada, cobardemente asesinado por la

traición; por traidores a su patria española y a su íntima, pequeña, sagrada patria granadina; traidores a su reino poético andaluz de este mundo y al del otro; traidores al pueblo, al hombre y al poeta." (Prólogo ao livro de Lorca "Poeta en Nueva York").

Aí está a razão do crime de Granada. Garcia Lorca era um poeta do povo. Sua poesia vinha do povo e para o povo era escrita. O povo o amava e o compreendia, por isso o fascismo inimigo jurado do povo, o assassinou covardemente. Mas Garcia Lorca não se limitava a amar platonicamente o povo espanhol. Não. Procurava trazer-lhe a cultura, a velha e sólida cultura castelhana, para o que organizara, com Rafael Alberti, Pedro Salinas e outros jovens poetas, um Teatro Ambulante — "La Barraca", com o qual percorreu toda a Espanha, levando ao povo o verdadeiro Teatro castelhano e universal, Lope de Vega, Calderon, Shakespeare, Pirandello, Ibsen e suas próprias peças. E' claro, é claríssimo que os fascistas não podiam tolerar que aquele moço alegre e bom, a quem o povo amava, continuasse a viver, o que vale dizer: continuasse a instruir e a educar o povo. Por isso Franco mandou matá-lo. Porque Franco e os seus bandidos odeiam também a cultura e por extensão a todos os que acreditam nela.

Garcia Lorca, não sendo um político militante, não pôde todavia, alhear-se como artista e cidadão dos assuntos políticos que empolgavam sua pátria, onde se havia proclamado a República, regime este que pôs à sua disposição todas as facilidades de que carecia para cumprir a sua vocação de artista popular, dotando-o de meios materiais com que pudesse levar a efeito o seu Teatro Ambulante. E como fosse realmente um homem livre, Lorca possuía amigos como José Bergamin, Rafael Alberti, Miguel Hernández, Giner de Los Rios, Pedro Salinas, Miguel de Unanuno e tantos outros vultos da literatura e do pensamento castelhanos, os quais estavam ligados ao movimento de libertação nacional espanhol. Mas os monstros franquistas não admitem que se ame a liberdade.

E mataram Garcia Lorca, porque pensavam com isso matar a liberdade, a cultura e amedrontar o povo. Que estavam enganados, nós sabemos muito bem. Garcia Lorca está cada vez mais vivo no coração dos povos, principalmente dos espanhóis, os quais não se acorvadaram e continuam a lutar pela cultura e pela liberdade contra Francos, Salarazares, Dutras, Perons, Laureanos, Videlas e outros trumanzinhos...

SEMANA GARCIA LORCA

A Associação Brasileira dos Amigos do Povo Espanhol (ABAPE) está promovendo com o apoio de várias organizações uma série de atos públicos, em homenagem ao grande poeta espanhol Federico Garcia Lorca, assassinado pelo ditador Franco, da Espanha.

MOMENTO FEMININO expressa inteira solidariedade a essas homenagens, que representam um repúdio ao assassinio dos democratas espanhóis.